

“Daforim: ebó para os ventres adoecidos”
Amar antes que amanheça (Malê Press, 2021)
By Cristiane Sobral

Daforim: ebó para os ventres adoecidos

O início dessa narrativa tem uma introdução imprescindível: a personagem principal é uma mulher que deve escrever uma carta em papel preto e letras vermelhas. Suas falas não devem ser lidas em silêncio, por favor, respeitem o princípio da oralidade. Leiam em praça pública, onde houver gente, gritem alto e respeitem as pausas dramáticas. O choro é livre, mas não deve atrapalhar a interpretação.

-- Estou aqui sentada com uma carta em papel preto e letras vermelhas. Eu sou Daforim, uma filha que nunca soube da mãe, cujas representações das mães imaginárias possíveis foram fornecidas pela coletividade que, na maioria das vezes, demoniza a figura da mulher que abandona os próprios filhos.

Nesse instante, a protagonista e filha faz a clássica pergunta filosófica:

-- Quem eu sou? Tô fazendo o que aqui? Nunca me decifrei e sempre fui devorada. Cadê a minha mãe? Tá viva ou tá morta? Nunca te vi, mãe, não tenho o seu nome, nem sobrenome, foto, nenhuma informação. Se você é branca ou negra, indígena, oriental, também não sei. Não sei como você era, mas a minha negritude é inegável. No país das aparências é o tipo da coisa que não deixa dúvida quando me olho no espelho.

Daforim lê uma parte da carta:

-- O sistema estruturante cumpre os protocolos do patriarcado e omite: fêmeas não geram sem parceiros. Não há, na maioria das vezes, responsabilização ou julgamentos de valor sobre os possíveis pais que abandonam os seus filhos. No ditado popular, o filho é da mãe. Daforim. Esse

é o meu nome escolhido, mesmo que minha certidão de nascimento exiba o meu nome de registro: Maria do Socorro. Do meu ponto de vista de filha, reconheço que, antes de ser materna, toda mulher devia ser criança, mulher, crescer, conhecer e fazer a gestão do seu corpo e das suas escolhas.

Essa parte da carta deve ser lida em voz alta:

-- Maternidade não deveria ser destino. Desde quando mulheres negras têm liberdade e gerência de corpo? A solidão da mulher negra muitas vezes não inclui o êxito nos afetos e a possibilidade de matinar os próprios filhos. Nem de cuidar das próprias crianças interiores. A literatura brasileira esta recheada de figuras desumanizadas e com concepções maniqueístas, o exercício da maternidade vai muito além do paradoxo cristão do mal e do bem.

Agora Daforim vai falar um pouco do pai, não só de uma forma multidimensional, é como se fosse real, mas não esqueçam de que é ficção. Na literatura, o autor toma posse do universo das invenções:

-- Pai, o senhor que engravidou minha mãe. Ah, nunca soube? Já isso não é comigo. Aqui não é um lugar onde mais uma vez a culpa vai ser da mãe, aliás, vamos tentar despir a culpa. Sugiro que você também participe da conversa, é verdade, também nunca nos encontramos. Seria mais um branco estuprando a empregada doméstica no quatinho e exigindo o aborto? Mais um pai cometendo incesto, um irmão engravidando a própria irmã? Talvez um negro em momento explícito de masculinidade tóxica, situação de abuso de drogas por desamor ou auto-ódio em função dos fardos dos homens negros, também podem estar aí questões penitenciárias? Também poderia ser um branco casado com uma branca, louco para ter um caso com uma mulher negra, a dita “boa de cama,” desses que assiste tanto filme de super-herói que acha que nunca precisaria

usar camisinha? Mas é importante dizer: não existe salvação nem pecado individual, vale considerar os movimentos sistêmicos em nossa sociedade.

Já que Daforim não teve condições de responder o desafio da mãe biológica, esperem um pouco, entendam que isso é bem doído. Podem chorar um pouco também. Aqui sugiro um bom tempo de pausa dramática para um respiro. Pausa.

Agora ela vai falar com a mãe adotiva, que acolheu e maternou em condições de adoção à brasileira.

-- Ei, mãe, que barra pesada, né? Abriu mão dos privilégios da cor sendo uma mulher não negra que optou por uma relação inter-racial com o meu pai adotivo, negro. Eu quase não tive tempo de viver contigo, você morreu quando eu ainda era uma criança. No país do mito da democracia racial, pasmem, esse casamento custou a perda de uma herança considerável, o desprezo da família, afastamento e a conseqüente mudança geográfica para um bairro pobre e de pretos. A relação, sem apoio da rede de suporte familiar, foi de fracasso em fracasso com o nascimento dos três filhos biológicos, a violência doméstica, já que, como forma de fuga, o homem negro começou a beber até o encontro com o mundo anestésico-temporário do alcoolismo. Não foram fracassados individuais, seria muita ingenuidade pensar que o racismo estrutural não opera nas individualidades, provocando assimetrias e ausências nas nossas vidas. Poxa, mãe, você era um mulherão, matriarca, rainha! Pena que nem consigo escrever direito porque não lembro de quase nada, memória é coisa tão roubada no meio da nossa ancestralidade! Eu ainda não entendia a importância de uma mãe. Não entendia muita coisa do mundo das mães. Vale a pena a pergunta? Morreu de quê? Já ouviu dizer por aí que mulheres morrem de cansaço, de falta de afeto, de tristeza, de tanto carregar masculinidades adoecidas sem solução? Mamãe sucumbiu a todos esses trágicos acontecimentos, passou mal em um dia, morreu no outro, sem ao

menos se despedir porque partiu para o hospital sem saber que não voltaria. O corpo tem seus limites, a tristeza e a depressão mataram mamãe, como também mata e abrevia tantas vidas com depressão e ansiedades nunca diagnosticadas em um país que não prioriza o sistema de saúde pública. Aí fiquei eu sem poder falar da minha experiência com mamãe. Isso também me adoeceu, porque a ausência tende à angústia, ao medo e a ideais de hiper-realização, criando mulheres obcecadas pelo trabalho, sua única fonte de satisfação.

Analisando essa mamãe de Daforim coma sujeito, as situações vividas, não dá para negar o adoecimento mental diante da violência da branquitude. Fica difícil de encarar, já que a psicologia não tem protocolos para o racismo. Diante do racismo sempre estive o capitalismo. Mulheres negras, pobres e periféricas não têm depressão. Laudo dado: preguiça, falta de força de vontade, perseguição de demônios ou qualquer coisa negativa que seja fruto da própria incompetência. Aqui entre nós, já estão duas mães mortas. Uma ceifada pelo apagamento, outra por óbito precoce.

-- Eu sei que ainda não consegui falar direito com as minhas mães, são tantos silêncios sufocantes, nem sei se um dia vou conseguir, afetos e desafetos se misturam desde a diáspora negra. Difícil portar um corpo negro, quanto mais gerar outro corpo negro. Mulheres negras têm déficits históricos de gozo da maternagem dos próprios filhos, cuidam dos filhos alheios e o que sobra para os próprios filhos? O fardo, o cansaço, a exaustão, a culpa pela impossibilidade de carregar e suprir e prover outros corpos. Na verdade, tenho que ser sincera, está muito difícil ler essa carta, eu até tenho tempo desde que tomei a decisão de não ter filhos, mas os meus sentimentos me controlam demais. A dor, a saudade, o medo de ficar só pra sempre. Eu e minhas mães tivemos momentos de solidão. Nem tivemos oportunidade de acolher umas às outras. Algumas situações são tão complicadas, mas segundo a nossa ancestralidade podem ser

equilibradas de várias formas, inclusive com ebós. Serão necessários muitos ebós aí, minha gente, no meio de todas essas mães e pais sofridos, muita oferenda e assentamento pra prestar contas e apaziguar toda essa ancestralidade. Haja vela, folhas sagradas, reza, bori, joelho no chão três horas da manhã e quartinha.

Essas observações são agregadas à carta de Daforim.

-- Deito a cabeça no colo do sagrado quase todas as noites. Antes que amanheça, peço pra que sejamos um pouco mais amorosos, possamos gozar, amar, viver uma boa vida, eu peço agô e muito, acho que ainda estou viva porque boto a cabeça no chão e dou de comer a quem tem fome.

Daforim reza nas madrugadas. Mas sabemos que o racismo não dorme.

-- Peço aos Orixás um barco, uma reza, que possa nos transportar pra um tempo e espaço de repouso. Uma paz preta com pássaros pretos e vermelhos, com pássaros de olhos negros, com asas que não imponham purezas hipócritas.

Daforim prepara alguns ingredientes mágicos, a carta está pronta.

-- Mães, pais e filhos, peço benção aos meus antepassados, deixo uma vela pra que caminhem apaziguados, espero que essas velas firmem, que essas cartas cheguem, na força do meu pensamento firmarão. Misericórdia para as mulheres e mães. Que seus filhos não morram de assassinato por bala perdida, que não sejam abandonados pra cair do alto de prédios onde corpos infantis buscam desesperadamente suas mães. Lembá, grande Gangazumbá, lindo Lembaremganga, acuda nosso desespero, estenda o seu pano branco e nos cubra pra que possamos sobreviver ao genocídio e contar as nossas histórias aos nossos descendentes no meio de alguma fogueira de justiça.

A entrega foi feita. Agora é questão de fé. Hora de descanso. O negativo foi despachado.